



o silêncio
das sereias

ensaio
sobre o
livro do
desas
sosse
go

paulo
de medeiros



LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

ÍNDICE

Nota prévia	11
Agradecimentos	13
Fantasma	15
Memória	33
Alteridades	47
Fotografias	63
Fragmentos... e intervalos	77
Simulacros	91
Beijos	105
Revoluções	119
Geometria do abismo	133
O silêncio das sereias	147
Bibliografia	161
Nota biográfica	168

© 2015, Paulo de Medeiros
e Edições Tinta-da-china

Edições Tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Silêncio das Sereias*.
Ensaio sobre o Livro do Desassossego.
Autor: Paulo de Medeiros
Coordenador da coleção: Jerónimo Pizarro
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (Pedro Serpa)
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Janeiro de 2015
ISBN 978-989-671-244-0
DEPÓSITO LEGAL n.º 385753/14

Für K

Rien, cette écume, vierge vers
A ne désigner que la coupe;
Telle loin se noie une troupe
De sirènes mainte à l'envers.

MALLARMÉ, *Salut*

Nem Fernando Pessoa nem o *Livro do Desassossego* necessitam de introdução. Mas qualquer livro sobre eles, mesmo este breve ensaio, deve aos leitores senão uma justificação, pelo menos uma exposição sucinta dos motivos, métodos e objectivos de mais um acréscimo à já vasta bibliografia pessoana.

Ao iniciar o seu estudo sobre Mallarmé, Jacques Rancière afirmava que «alguns nomes projectam uma sombra que os devora» (1996, p. 7). Tal seria o título de poeta e, especificamente, o nome de Mallarmé. Talvez com mais razão ainda se possa dizer o mesmo sobre o nome de Pessoa, arauto dessa dispersão múltipla em que o seu detentor se afirmou como um dos mais importantes poetas europeus. A sombra que ameaça devorar o nome do poeta português, no entanto, é constituída tanto pelo mito gerado e pela admiração, como pela inveja e pelo desejo de apropriação e co-opção da luminosidade do seu pensamento, e da força e beleza da sua expressão. Assim, a decisão de escrever sobre o *Livro do Desassossego*, porventura a sua «obra» mais complexa e menos estudada, pode parecer temerária e até leviana. O motivo principal, no entanto, é bem simples.

Durante vários anos, tive o privilégio de dirigir um seminário de pós-graduação sobre o *Livro do Desassossego* com estudantes que me levaram a questionar cada vez mais certas abordagens do texto, assim como a tentar desenvolver respostas a perguntas de índole teórica, e tornou-se-me claro que só através da

escrita um pouco mais sistemática e desenvolvida poderia encontrar algumas respostas possíveis. O *Livro do Desassossego* é, antes de mais, um antilivro, que coloca em questão, de forma absoluta e radical, muitos dos pressupostos da literatura. E fá-lo, antes de mais, através da técnica do fragmento. Seria tentador então, ao escrever sobre o *Livro do Desassossego*, fazê-lo igualmente através de fragmentos. Mas tal evocação ou simulação seria sempre não só falsa como uma anulação da índole do texto. Daí a escolha do ensaio como forma mais apropriada de responder a alguns dos desafios colocados pelo texto de Pessoa; um ensaio fragmentado em pequenos ensaios, cada um dirigido a um aspecto individual do texto. Por detrás desta escolha está o exemplo maior, como método de leitura, de Erich Auerbach em *Mimesis*, ou seja, o desejo de proceder a uma análise cuidada do texto a partir de pormenores significantes.

12

Sem cair na tentação de reduzir as análises a uma única tese, o intuito deste livro é ilustrar a importância teórica do *Livro do Desassossego*, num esboço preliminar de uma possível resposta à invocação de Alain Badiou quando afirma que uma das tarefas da filosofia seria a de chegar à altura do pensamento de Pessoa. Nas páginas que se seguem, uso Fernando Pessoa como o nome do autor do *Livro do Desassossego*, se bem que, como é sabido, originalmente fosse Vicente Guedes o eleito e, claro, depois Bernardo Soares. A assinatura do *Livro do Desassossego* encontra-se sempre sob rasura. Mas a distância entre Bernardo Soares e Fernando Pessoa talvez seja só a do espaço necessário para desafiar a sombra da mesquinhez quotidiana com o meio-dia da escrita.

Qualquer estudo, por mais insignificante ou modesto, é sempre um repositório de dádivas e dívidas, recebidas e contraídas de e para com uma multidão: todos os que anteriormente se debruçaram sobre o mesmo assunto, independentemente dos resultados; assim como colegas, amigos, familiares. Eduardo Lourenço constitui sem dúvida um dos guias mais seguros para quem deseje afoitar-se no labirinto da obra de Pessoa, mesmo se a dada altura cada leitor tenha de desbravar a sua própria senda. Maria Irene Ramalho Santos, José Gil, Silvina Rodrigues Lopes e Ellen W. Sapega, de modos bem diversos, exploraram facetas teóricas do *Livro do Desassossego*, sem as quais não me seria possível abordar certos temas. Sem o diálogo com estudantes e colegas, muitas das questões sobre Pessoa e o modernismo não seriam levantadas. A Jerónimo Pizarro devo, em especial, o convite generoso e o encorajamento, assim como o exemplo de trabalho e rigor, e uma generosidade ímpar. Em diversas alturas, tive o privilégio de poder trocar impressões sobre os temas deste ensaio em vários encontros académicos, e desejo agradecer aos colegas os convites que me proporcionaram essas oportunidades: Ana Paula Arnaut, em Coimbra; Isabel Gil, em Lisboa; Gonçalo Villas-Boas e a equipe do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, no Porto; David Frier, em Leeds; Thomas Earle, em Oxford; José N. Ornelas, em Amherst; e Estela Vieira, em Bloomington. Agradeço o

13

acolhimento mais do que generoso de Cláudia Pazos-Alonso, no Wadham College, de Oxford, que me proporcionou a possibilidade de escrever partes deste livro ao abrigo das intempéries da rotina académica, como Keeley Fellow em 2011-2012, assim como o recebimento cordial dos demais colegas, Claire Williams, Thomas Earle e Stephen Parkinson, que me deram a conhecer o verdadeiro valor de uma comunidade académica. A solidariedade e o rigor intelectual dos meus colegas em Warwick são um apoio e desafio imprescindíveis. Sem a minha família nada do que se segue seria escrito.

Impossível pensar em Pessoa sem pensar no carácter espectral da sua figura e da sua obra. Desde o início que a crítica salientou essa imagem de Pessoa como um espectro, dos seus textos como fantasmáticos e da sua influência decisiva na literatura portuguesa como uma espécie de assombramento. Daí que a primeira questão que se ponha a quem tente ler o *Livro do Desassossego* seja a de procurar entender até que ponto realidade e mito se confundem, quais as possíveis relações entre a autocriação de si próprio como outro que é sempre uma forma de automitificação, e o processo de envolver o poeta e a sua obra no manto etéreo e vácuo da fama. Se se deve levar a sério a classificação de Pessoa e do seu legado como espectrais, importa distinguir entre um uso vulgar, fácil e até gratuito do termo, e a sua aplicação fundada nas questões, profundas e radicais, que a textualidade da obra pessoana levanta. Isto é, há espectros e espectros. Se ninguém imagina que Pessoa tivesse sido um fantasma literalmente, assim como nenhum leitor entretém qualquer dúvida sobre a materialidade dos textos de Pessoa, não deixa de ser crucial ter-se uma noção tanto quanto possível lúcida sobre o que se pode – e deve – designar como uma «espectralidade» pessoana e separá-la da mistificação decorrente do processo de mitificação ou do simples equívoco crítico: evite-se as fantasmagorias. O *Livro do Desassossego* é em muitos aspectos uma obra impossível e infinita, que inaugura um modo diferente de conceber

a literatura moderna como questionamento ontológico radical ao insistir na sua qualidade antifundacional enquanto texto e ficção do Eu. A escrita de Pessoa, particularmente no *Livro do Desassossego*, desconstrói contínua e implacavelmente, num sentido rigoroso e antecipado, quaisquer dicotomias simples, incidentais ou estruturantes. A vida é oposta à morte, mas a vida é também, desde sempre, uma forma de morte; o sonho é irreal, mas mais real do que a dita realidade; a materialidade existencial é tanto uma ficção como a fenomenologia do desassossego nas suas múltiplas acepções, o que é sem dúvida um facto incontornável.

16 Uma das passagens do *Livro do Desassossego* onde Pessoa explicitamente se refere a fantasmas é a «Marcha Fúnebre para o Rei Luís da Baviera», onde, depois das devidas apresentações, é a Morte que assume a palavra, oscilando o texto entre as considerações do narrador e a elocução directa da Morte. Mais ao menos a meio deste grande fragmento, lê-se:

E mostrou-me como era steril a speranza de melhores dias, quando se não nascera com alma, com que os dias melhores se obtivessem. Mostrou-me como o sonho não consola, porque a vida doe mais quando se accorda. Mostrou-me como o somno não repousa, porque o habitam phantasmas, sombras das cousas, restos dos gestos, embryões mortos dos desejos, despojos do naufragio de viver.

(129; c. 1916)¹

1 O texto base de consulta é Fernando Pessoa. *Livro do Desasoego*. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Vol. XII, tomo 1. Ed. Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010, p. 135. Texto 129, tal como indicado entre parênteses, antes da datação crítica correspondente. As citações textuais subseqüentes, excepto se assinaladas, referem-se a esta edição, cuja numeração foi seguida na edição de 2013 publicada pela Tinta-da-china.

Se a argumentação da Morte não surpreende, já o facto de Pessoa a contradizer – não simplesmente ao preferir a vida, mas ao considerar, num trecho posterior, que a vida é sempre uma forma de morte, especialmente a vida normal do quotidiano, a que é necessário resistir através da imaginação e do sonho –, é notável: «Somos morte. Isto, que consideramos vida, é o somno da vida real, a morte do que verdadeiramente somos. Os mortos nascem, não morrem. Estão trocados, para nós, os mundos. Quando julgamos que vivemos, estamos mortos; vamos viver quando estamos moribundos» (357; c. 1931). Poder-se-ia pensar que a diferença principal residiria no facto de entre um e outro texto terem passado quase duas décadas. E, decerto, a fascinação com a Morte do primeiro trecho pode ser relacionada não só com a juventude de Pessoa como também com a sua inserção numa fase mais simbolista. No entanto, entre um e outro trechos não há uma distância radical. O fascínio com a Morte informa-os do mesmo modo, assim como a crítica ao que se julga ser a vida e a importância dada à necessidade de criar uma vida alternativa. Aliás, noutra passagem, possivelmente de 1918, essa ambivalência e recusa de uma simples dicotomia entre a morte e a vida é nítida:

Um passado feliz em cuja lembrança torne a ser feliz; sem nada no presente que me alegre ou interesse, sem sonho ou hypothese de futuro que seja diferente d’este presente, ou possa ter outro passado que este passado – jazo a minha vida, consciente espectro de um paraíso em que nunca estive, cadaver-nado das m[inhas] esperanças por haver.

(153; c. 1918)

Se Pessoa se refere com alguma frequência a fantasmas e espectros no *Livro do Desassossego*, por vezes a pensar nos outros

que o rodeiam, é porque visa a sua própria imaginação desses outros, assim como a infâmia da mediocridade que o rodeia: «Lapidam-me de alegres e desdenhosas troças todos que pas- sam por mim. Caminho entre fantasmas inimigos que a minha imaginação doente imaginou e localizou em pessoas reais» (76; c. 1914). O que está em causa não é tanto a questão de um assom- bramento externo, mas muito mais de um assombração in- terno, mesmo quando exteriorizado. Se os fantasmas inimigos são os outros à sua volta, eles só assumem essa qualidade através da percepção e imaginação de Pessoa. Num trecho de 1934, Pes- soa expõe essa situação de modo bem nítido, embora paradoxal:

18

Quando vivemos constantemente no abstracto — seja o abstracto do pensamento, seja o da sensação pensada —, não tarda que, contra nosso mesmo sentimento ou vontade, se nos tornem fantasmas aquelas coisas da vida real que, em acôrdo com nós mesmos, mais deveríamos sentir.

(434; c. 19-6-1934)

Ironia, portanto, o facto de tantos críticos terem querido ver Pessoa ou os seus heterónimos como fantasmas, tal como fez, nos anos 40, Carlos Queiroz, na conferência «Fernando Pes- soa e os seus fantasmas»¹. Um dos pontos mais interessantes do que se pode apelidar de elegia feita por Queiroz à memória ainda recente de Pessoa tem a ver com a distinção introdu- zida por Queiroz entre o que ele refere como sendo a acepção freudiana de fantasmas e a sua. Para este autor, os fantasmas segundo Freud seriam «as fantasias originárias de desejos insa-

¹ A data da conferência, como Maria Bochicchio explica, foi 10 de Maio de 1940, tendo o título sido dado na notícia publicada no jornal *A Voz* no dia 13 de Maio de 1940 (Queiroz, 2011, p. 13).

tisfeitos», enquanto, na sua perspectiva, aquilo que ele designa como fantasmas em Pessoa seriam os heterónimos, portanto desdobramentos do Eu em vários outros «eus parciais autóno- mos e criadores» (Queiroz, 2011, p. 30). Carlos Queiroz refere como fonte o ensaio de Freud com o título «A criação literária e o sonho acordado». O texto original, «Der Dichter und das Phantasieren», uma palestra proferida em Dezembro de 1907 e publicada em Março de 1908, não fala de fantasmas, mas de fan- tasia. Menciona, apenas uma vez, «Phantast», mas no sentido de sonhador. O lapso, se é que se pode considerar lapso, já que se deve provavelmente à tradução francesa de Marie Bonaparte, assume ainda mais interesse, pois aponta para a possibilidade de uma leitura influenciada pela psicanálise e pelo conceito de «fantasma», embora a rejeite. Como se Queiroz necessitasse de recusar um elo entre a obra de Pessoa e a análise de Freud, sem que isso se pudesse sequer ancorar no texto de Freud, imagi- nando os fantasmas que não estão lá. Aquilo que Freud considera ser humanamente comum, a criação de fantasias (*Phantasien*), é traduzido por *fantasmes*, e daí os «fantasmas» da conferência de Queiroz, que, mais propriamente, seriam talvez já o indício de um «fantasma» de Freud em Queiroz e subsequentemente noutros críticos de Pessoa.

Depois de Queiroz, torna-se necessário referir Octavio Paz, para quem Pessoa seria, em alusão nietzschiana, o «taciturno fantasma do meio-dia português» (Paz, 1988, p. 10)¹, uma ex- pressão que deveria ser investigada, mas que Paz não investiga. Também Jorge de Sena e Cleonice Berardinelli se referem a

¹ Sobre a visão de Pessoa como fantasma quer da parte de críticos, quer de escritores, tive a oportunidade de escrever já um breve ensaio: «Fantasmas de Pessoa: Amat, Saramago, Tabucchi». Nesse ensaio, o objectivo era relacionar as várias visões entre si e não, como no presente, considerar o texto de Pessoa e a sua escrita como fantasmáticos. Desse ensaio apro- veito, no entanto, a breve discussão sobre a relação entre Pessoa e Baudelaire.

Pessoa como um fantasma, sendo que Berardinelli tem o cuidado de usar o termo mais próximo da prática psicanalítica e de desenvolver um questionamento da relação autoral com os leitores, em que os pactos assim estabelecidos, com referência ao trabalho de Phillipe Lejeune, seriam «fantasmáticos», o que não só indica uma maior precisão, como aponta para um assunto já bastante diferente (Berardinelli, 1978, pp. 187-198). Para além dos críticos, também vários escritores se apropriaram da figura de Pessoa e a tornaram em fantasma, com maior ou menor sucesso. De todos, talvez José Saramago tenha ido mais longe, e alcançado mais, ao tornar não só Pessoa num fantasma, como fazendo com que Ricardo Reis regressasse do Brasil, para explorar o surgimento do fascismo na Península Ibérica e inscrever-se na história literária portuguesa. Sem dúvida que há nessas várias explorações ficcionais da figura de Pessoa um desejo e um imperativo de identificar Pessoa como uma figura-chave, e portanto, de certo modo, espectral, no cânone das letras portuguesas. Mas isso nada nos diz sobre os textos de Pessoa. Aliás, mesmo Eduardo Lourenço, que se aproxima mais de um questionamento da textualidade pessoana, especialmente em relação ao *Livro do Desassossego*, e que releva passagens-chave da obra, lança pistas que ele próprio não segue. Por exemplo, numa passagem de um ensaio bastante conhecido e repleto de sugestões, Lourenço afirma: «Quem sonhou todas estas ficções foi o passeante da Rua dos Douradores, um homem triste por não existir como se sonhava, irmão gêmeo por dentro de Luís da Baviera, prisioneiro como ele de idênticos fantasmas» (Lourenço [1984], 2008, p. 25). A esta passagem deve-se relacionar outro ensaio de Lourenço sobre o *Livro do Desassossego* como texto suicidário, cuja relação do texto com a Morte e com o sonho é realçada, e onde Lourenço, se deixarmos de lado a sua especu-

lação sobre a função do texto como instrumento para evitar o suicídio de Pessoa, avança uma hipótese arrojada e, penso, de grande relevância: «O suicídio que se cumpre nele [texto] é essencialmente o da *mitologia heteronímica*». (Lourenço [1984], 2008, p. 123).

Ambos os textos datam de 1984, portanto pouco depois da primeira publicação do livro, e formam, por assim dizer, as primeiras reacções a uma obra certamente ímpar, se bem que característica. Mesmo discordando da visão do texto como sendo suicida, penso que Lourenço aponta desde o início para uma singularidade do texto que poderia e deveria levar os leitores a descartarem as afirmações gratuitas sobre os heterónimos enquanto fantasmas de Pessoa, embora Lourenço também use o termo «fantasma» de modo totalmente impreciso ao comparar Pessoa com o monarca germânico. Talvez a mais recente expressão deste gosto crítico seja a referência feita por Jerome Boyd Maunsell (2012) – num ensaio aliás extremamente útil como introdução à obra do escritor, particularmente ao *Livro do Desassossego* –, à posição, ainda por definir, de Pessoa no cânone do modernismo europeu e à suposta criação, por ele, de modernismos-fantasma¹. Embora aliciante, tal proposição revela mais o modo como a crítica se deixa ainda seduzir pela noção romântica avulsa da figura do artista como ente supernatural, uma espécie de armadilha conceptual estranha ao rigor da escrita de Pessoa.

Um dos exemplos mais pertinentes desse rigor seria o seguinte poema, datado de 14-3-1917:

1 Logo no início, Maunsell afirma: «Em resumo, a sua obra reconfigura as narrativas assumidas do modernismo internacional, ao mesmo tempo que proporciona um modernismo fantasma ou sombra próprio.» Maunsell baseia-se, por seu lado, nas afirmações de Anna Klobucka e Mark Sabine na introdução do livro *Embodying Pessoa* (2007): «Klobucka e Sabine referem-se à 'presença espectral de Pessoa no palco do cânone da literatura ocidental moderna' e a imagem de Pessoa como fantasma é deveras apropriada» (Maunsell, 2012, pp. 115-116).



A tarde faz descer
 Dentro as meu cruaçaõ que anua
 uma tristezã cheia
 De luez ancios de orçuo.
 Porpe lumbes?

O Canto da Sereia. [5/7/11]

Para que ~~tristezã~~ ^{manja} entre os rochedos quedo
 ho d'leucis ^{matando} e apanã do luar?
 Para que não descan com entre os pedros estuado,
 Poristo os mar, a curra e regueto
 da melodia ^{delente e estalando} ~~profunda~~ do mar?
 Assim com luar mais, mais e calido
 Entre o murmurio profundo do mar e o sib. do
 Por teras as luez e aluz de nute o' pabli's
 E o' canto de' a' repellen ^{suavizado}
 E que pat no vida no da illuzã
 Tal o mar e' guia o loga e descan - n' a' n' iã
 De aluz a' ambarra e a' lã anciosa de partã
 E com caluz fu a' anua, mais, de o' arde da partã
 Com as mais anciosas ^{força} ~~força~~ uma luez a' vida
 Para que a' lã e' o mesmo? mais no valuz d'anni.

FIG. 11. O CANTO DA SEREIA (COTA 38-23) (ROSTO).

Mas os olhos ao luar sombrio e silencioso
 Têm o requiebramento de estar aqui e o saber;
 Têm o riso por trás e têm o pensamento sério
 De saber por trás e sem despetição ao mesmo tempo
 Não há estorvo ao que se a ouvir.

De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 Silêncio a ouvir e ilusão em cada lugar do mundo
 De se por trás e de longe a dita das e o amor?
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo

De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo

De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo

De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo

De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo

De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo
 De um de alguns o outro a a de de de e de fundo

FIG. 12. O CANTO DA SEREIA (COTA 38-23) (VERSO).

- ABRAHAM, Nicholas (1987). «Notes on the Phantom: A Complement to Freud's Metapsychology». Trad. Nicholas Rand, *Critical Inquiry*, n.º 13, pp. 287-292.
- ABRAHAM, Nicholas e Maria TOROK (1978). *L'Écorce et le noyau*. Paris: Aubier Flammarion.
- BADIOU, Alain (1998). *Petit manuel d'inesthétique*. Paris: Éditions du Seuil.
- BARRETO, José (2011). *Misoginia e Anti-Feminismo em Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática.
- BARRETO, José (2008). «Salazar and the New State in the Writings of Fernando Pessoa», *Portuguese Studies*, vol. 24, n.º 2, pp. 168-214.
- BAUDELAIRE, Charles (1959). «Le publique moderne et la photographie». *Le Salon de 1859*. <http://baudelaire.litteratura.com/?rub=oeuvre&srub=cri&id=4&s=1>.
- BAUDELAIRE, Charles (1949). «Le Revenant». *Les Fleurs du Mal*. Paris: Delmas, p. 107.
- BAUDRILLARD, Jean (1981). *Simulacres et simulations*. Paris: Galilée.
- BENJAMIN, Walter (1989). «Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit» [1936], *Gesammelte Schriften*, vol. VII. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (org.), Frankfurt: Suhrkamp.
- BENJAMIN, Walter (1977a). «Franz Kafka» [1934], *Gesammelte Schriften*, vol. II.2. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (orgs.). Frankfurt: Suhrkamp Verlag.
- BENJAMIN, Walter (1977b). «Kleine Geschichte der Photographie» [1931], *Gesammelte Schriften*, vol. II.1. Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser (org.). Frankfurt: Suhrkamp.
- BERARDINELLI, Cleonice (1978). «Pessoa e seus 'Fantasmas'», in *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Porto: Brasília Editora, pp. 187-198.

- BLANCHOT, Maurice (1959). «Le Chant des Sirènes». *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, pp. 9-40.
- BÜRGER, Peter (1974). *Theorie der Avantgarde*. Frankfurt: Suhrkamp.
- BUESCU, Helena Carvalhão (2003). «Des livres du future et du passé: Pessoa et Mallarmé (avec passage par Calvino et Ortega)», *ACT 7: Representações do Real na Modernidade*. Helena Carvalhão Buescu e João Ferreira Duarte (org.). Lisboa: Colibri, pp. 43-59.
- CADAVA, Eduardo, Peter CONNOR e Jean-Luc NANCY (1991) (orgs.). *Who Comes After the Subject?* Nova Iorque: Routledge.
- DAVIS, Colin (2007). *Haunted Subjects: Deconstruction, Psychoanalysis, and the Return of the Dead*. Londres: Palgrave Macmillan.
- DAVIS, Colin (2005). «État Présent: Hauntology, Spectres and Phantoms», *French Studies*, vol. 59, n.º 3, pp. 373-379.
- DELEUZE, Gilles (1968). *Différence et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France.
- DERRIDA, Jacques (2006). *L'Animal que donc je suis*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, Jacques (2002). *O Animal Que logo Sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP.
- DERRIDA, Jacques (2001). «Le cinéma et ses fantômes», *Cahiers du Cinéma*, n.º 556, pp. 74-85.
- DERRIDA, Jacques (1999). *Le Verbiage de l'homme aux loups* [1976]. Paris: Flammarion.
- DERRIDA, Jacques (1993). *Spectres de Marx*. Paris: Galilée.
- DICKINSON, Emily (1961). *The Complete Poems of Emily Dickinson*. Ed. Thomas H. Johnson. Boston; Nova Iorque; Londres: Little, Brown and Company, pp. 223-224.
- ECO, Umberto (1986). *Travels in Hyperreality*. Nova Iorque: Harcourt Brace & Co.
- EIRAS, Pedro (2008). «Fragmentação», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins (org.). Lisboa: Caminho, pp. 293-296.
- EIRAS, Pedro (2005). *Esquecer Fausto: A Fragmentação do Sujeito em Raul Brandão: Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol*. Porto: Campo das Letras.
- ERLL, Astrid e Ansgar NÜNNING (2010) (org.) *A Companion to Cultural Memory Studies*. Berlim e Nova Iorque: de Gruyter.

- FELSKI, Rita (1995). *The Gender of Modernity*. Cambridge: Harvard University Press.
- GIL, José (2010). «Devir-Pessoa», *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água, pp. 9-34.
- GIL, José (2000). «Qu'est-ce que voir?», *Pessoa: unité, diversité, obliquité*. Pascal Dethurens e Maria Alzira Seixo (org.). Paris: Christian Bourgois.
- GIL, José (1999). «O Que É Ver?», *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água, pp. 15-42.
- GIL, José (1988). *Fernando Pessoa ou la métaphysique des sensations*. Paris: Éditions de la Différence.
- GIL, José (s.d.). *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Trad. Miguel Serras e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água.
- HANSEN, Miriam Bratu (2008). «Benjamin's Aura», *Critical Inquiry*, n.º 34, pp. 336-375.
- HUYSEN, Andreas (1986). *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture and Postmodernism*. Londres: Palgrave Macmillan.
- JACKSON, K. David (2010). *Adverse Genres in Fernando Pessoa*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- JAMESON, Fredric (2002). *A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present*. Londres: Verso.
- KAFKA, Franz (1996). *Die Erzählungen: und andere ausgewählte Prosa*. Originalfassung. Roger Hermes (org.). Frankfurt: Fischer Verlag, pp. 351-352.
- KLOBUCKA, Anna e Mark SABINE (2007) (org.). *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality*. Toronto: University of Toronto Press. Versão portuguesa: *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- KRACAUER, Siegfried (1994). «Photographie» [1927], *Das Ornament der Masse: Essays*. Frankfurt: Suhrkamp.
- KRISTEVA, Julia (1986). «A New Type of Intellectual: the Dissident» [1977], *The Kristeva Reader*. Toril Moi (org.). Londres: Wiley-Blackwell, pp. 292-300.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e Jean-Luc NANCY (1978). *L'Absolue littéraire: théorie de la littérature du romantisme allemande*. Paris: Seuil.
- LANG, Helen S. (1980). «On Memory: Aristotle's Corrections of Plato», *Journal of the History of Philosophy*, vol. 18, n.º 4, pp. 379-393.

- LAWRENCE, D. H. (1972). *The Complete Poems of D. H. Lawrence*. Vivian de Sola Pinto e Warren Roberts (org.). Londres: Heinemann.
- LEAL, Patrícia (2008). «Fragmento», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Fernando Cabral Martins (org.). Lisboa: Caminho, pp. 296-300.
- LEVENSON, Michael (2011). *Modernism*. New Haven: Yale University Press.
- LOPES, Silvina Rodrigues (1988). «Des-figurações (sobre o *Livro do Desassossego*)», *Colóquio-Letras*, n.º 102, pp. 61-67. <http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.5278>
- LOPES, Silvina Rodrigues (1984). «A Ficção da Memória e a Inscrição do Esquecimento», *Colóquio-Letras*, n.º 77, pp. 19-26. <http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.3540>
- LOURENÇO, Eduardo (2008). *Fernando Pessoa: Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de (1996). «O Gesto, e Não as Mãos: A Figuração do Feminino na Obra de Fernando Pessoa: Uma Gramática da Mulher Evanescente», *Colóquio-Letras*, n.º 140/141, pp. 17-47. <http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.7216>.
- MARGARIDO, Alfredo (1975), «Sobre as Posições Políticas de Fernando Pessoa», *Colóquio-Letras*, n.º 23, pp. 66-68. <http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.857&org=1&orgp=23>
- MAUNSELL, Jerome Boyd (2012). «The Hauntings of Fernando Pessoa», *Modernism / Modernity*, vol. 19, n.º 1, pp. 115-137
- MEDEIROS, Paulo de (2013). *Pessoa's Geometry of the Abyss: Modernity and the Book of Disquiet*. Oxford: Legenda.
- MEDEIROS, Paulo de (2011). «A Cripta de Pessoa», *A Cultura Portuguesa no Divã*. Isabel Capelo Gil e Adriana Martins (org.). Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 85-97.
- MEDEIROS, Paulo de (1998). «Fantasmas de Pessoa: Amat, Saramago, Tabucchi», *Actas do V Congresso*. T. F. Earle (org.). Oxford; Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas, vol. II, pp. 1061-1070.

- MORODO, Raúl (1998). *Fernando Pessoa e as «Revoluções Nacionais» Europeias*. Lisboa: Caminho.
- NIETZSCHE, Friedrich (1999a). *Ecce homo. Kritische Studienausgabe*, vol. VI. Eds. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim e Nova Iorque: de Gruyter; Munique: DTV.
- NIETZSCHE, Friedrich (1999b). *Jenseits von Gut und Böse. Kritische Studienausgabe*, vol. VI. Eds. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim e Nova Iorque: de Gruyter; Munique: DTV.
- NIETZSCHE, Friedrich (1999c). «Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne». *Kritische Studienausgabe*, vol. I. Eds. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim e Nova Iorque: de Gruyter; Munique: DTV.
- NIETZSCHE Friedrich (1997), *O Nascimento da Tragédia ou Mundo Grego; Acerca da Verdade e da Mentira no Sentido Extramoral*, Trad. Teresa R. Cadete e Helga Hook Quadrado, Lisboa, Relógio d'Água.
- PAZ, Octavio (1988). *Fernando Pessoa, o Desconhecido de Si Mesmo*. Trad. Luis Alves da Costa. Lisboa: Vega.
- PÊGO, Marisa Isabel Mateus (2007). *A Unidade Múltipla de Bernardo Soares*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (1983). «O Lixo/Luxo de Bernardo Soares», *Persona*, n.º 8, pp. 28-32.
- PESSOA, Fernando (2013). *Livro do Desassossego*. Ed. Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- PESSOA, Fernando (2010). *Livro do Desasocego*. Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. XII, tomos 1 e 2. Ed. Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PESSOA, Fernando (2006) «Autopsicografia», *Poesia 1931-1935 e Não Datada*. Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine (org.). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2005) «O Canto da Sereia», *Poesia 1902-1917*. Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine (org.). Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2005). *Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920*. Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. I, tomo 2. Ed. João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

- PESSOA, Fernando (2002). *Obras de António Mora*. Edição Crítica de Fernando Pessoa, vol. VI. Ed. Luís Filipe Bragança Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PESSOA, Fernando (1998a). *Correspondência 1905-1922*. Ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (1998b). *Livro do Desassossego*. Ed. Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*. Lisboa: Ática.
- PESSOA, Fernando (1942). *Poesias*, vol. I das *Obras Completas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Edições Ática.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática.
- POLLOCK, Griselda (2010). «Moments and Temporalities of the Avant-Garde ‘in, of, and from the Feminine’», *New Literary History*, vol. 41, n.º 4, pp. 795-820.
- QUEIROZ, Carlos (2011). *Fernando Pessoa e os Seus Fantasmas*. Ed. Maria Bochicchio. Lisboa: Ática [Babel].
- SANTOS, Maria Irene Ramalho (2011). «The Tail of the Lizard: Pessoaan Disquietude and the Subject of Modernity», *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*. Steffen Dix e Jerónimo Pizarro (orgs.). Oxford: Legenda, pp. 264-276.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho (2003a). *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's turn in Anglo-American modernism*. Hanover e Londres: Dartmouth College – University Press of New England.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho (2003b). «The Art of Ruminating: Pessoa's Heteronyms Revisited», *Journal of Romance Studies*, vol. 3, n.º 3, pp. 9-22.
- RANCIÈRE, Jacques (2010). «The Politics of Literature», *Dissensus: on Politics and Aesthetics*. Trad. Steven Corcoran. Londres e Nova Iorque: Continuum.
- RANCIÈRE, Jacques (1996). *Mallarmé: la politique de la sirène*. Paris: Hachette.
- REAL, Miguel (2012). «As Máscaras de Pessoa», prefácio a Jerónimo Pizarro, *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática, pp. 1-18.
- RICOEUR, Paul (2003). «Mémoire, Histoire, Pardon. Un dialogue de Paul Ricoeur avec Sorin Antohi». Past, Inc. Center for Historical Studies. <http://pasts.ceu.hu/node/1158>.

- RICOEUR, Paul (2000). *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris: Éditions du Seuil.
- ROSAS, Fernando (1994). «Da Revolta na Madeira». *História de Portugal*, vol. VII. José Mattoso (org.). Lisboa: Círculo de Leitores.
- SAPEGA, Ellen W (1993). «Contemporary Responses to the Fragments of a Modernist Self: On the Various Editions of Fernando Pessoa's *Livro do Desassossego*», *Homenagem a Alexandre Severino: Essays on the Portuguese Speaking World*. Margo Milleret e Marshall C. Eakin (orgs.). Austin: Host Publications, pp. 42-52.
- SAPEGA, Ellen W (1989). «On Logical Contradictions and Contradictory Logic: Fernando Pessoa's *O Banqueiro Anarquista*», *Luso-Brazilian Review*, vol. 26, n.º 1, pp. 111-118.
- STRAUSS, Walter A. (1976). «Siren-Language: Kafka and Blanchot», *SubStance*, vol. 5, n.º 14, pp. 18-33.
- STRAWBRIDGE, Blake (2007). «Abdication and Art Production in *The Book of Disquiet*». *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality*. Anna Klobucka e Mark Sabine (orgs.). Toronto: University of Toronto Press, pp. 71-99.
- TAVARES, José Fernando (1998). *Fernando Pessoa e as Estratégias da Razão Política*. Lisboa: Instituto Piaget.
- TOUATI, Dominique-Rose (1982). «Franz Personne et Fernando K...: du mensonge à l'indiscrétion (Ébauche d'un essai future)», *Persona*, n.º 7, pp. 18-25.
- WILLIAMS, Raymond (1989). *Politics of Modernism: Against the New Conformists*. Londres: Verso.

NOTA BIOGRÁFICA

Paulo de Medeiros é professor catedrático de Literatura Comparada na Universidade de Warwick, Reino Unido. Estudou nas universidades de Lisboa, Freiburg e Massachusetts (Boston e Amherst). De 1998 a 2013 foi professor catedrático na Universidade de Utrecht, Holanda, onde dirigiu o Departamento de Estudos Portugueses, tendo sido professor convidado em várias universidades em Portugal, Inglaterra, Brasil, e Estados Unidos. Em 2011-2012 foi Keeley Fellow em Wadham College, Oxford, e é também *honorary fellow* do Instituto de Investigação em Línguas Modernas da Universidade de Londres. Presidiu à American Portuguese Studies Association em 2013 e 2014. Tem publicado variadamente sobre teoria literária, autores de língua portuguesa, pós-colonialismo, fotografia e cinema. Em 2013 publicou *Pessoa's Geometry of the Abyss: Modernity and the Book of Disquiet* (Oxford: Legenda).



O SILÊNCIO DAS SEREIAS

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA
E VERLAG, E IMPRESSO NA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 90 G/M²,
NO MÊS DE JANEIRO DE 2015.